

PROSTITUIÇÃO

TRÁFICO SEXUAL MATI

Texto
de ALBINO MAGAIA
Fotos
de RICARDO RANGEL

T. (211) 13/10/74



A FOME

Aquela rapariga negra que de noite usa uma mini-saia ultra curta cuja cor condiz com as botas altas; peruca de um milhar de escudos, toda loira, toda bem tratada; cara pintada com exagero e unhas prateadas; sacola de couro com a alça pendurada ao ombro, essa rapariga não sabe ler nem escrever mas diz no seu inglês limitado «I love you» e dança como os gregos ao som de música grega.

Dorme sempre depois das quatro da madrugada e levanta-se pouco depois do meio dia. Passa a tarde a fazer qualquer trabalho doméstico ou recebe em casa um dos «amores» já com contrato e pagamento certo. As oito da noite começa a preparar-se e, para variar, usa calças, blusa, e por cima da peruca põe um boné. Sai para o trabalho. O rendimento desse trabalho é garantido. No porto nunca faltam barcos com marinheiros e demais tripulantes saturados do mar: italianos, ingleses, franceses, gregos, japoneses, sul-africanos. Quando os barcos de guerra americanos se lembram de trazer os seus fuzileiros para o cais esse dia é de festa para a rapariga negra de peruca loira que não sabe ler nem escrever mas sabe dizer «I love you» e dança com os gregos como se tivesse nascido no Mediterrâneo. Os americanos pagam bem.

Fugiu da enxada no campo e a única coisa que fez desde criança até lhe nascerem os peitos foi cavar a terra ingrata que se recusou a produzir milho e batata doce. A terra olhava para as nuvens e as nuvens riam-se da terra e da rapariga recusando-se a deixar cair chuva. Elas riam-se mais ainda da Província de Gaza e da Província de Inhamitane ironizando com a pergunta: «O colono tirou-vos a terra e deixou-vos essas nesgas. Vocês não param de se reproduzir e daqui vemos muitos homens e mulheres. Todos olham para nós como se fôssemos Deus. Mas não somos. A chuva não vai cair porque não resolveria nada. Vocês não entendem que nós não resolveremos os vossos problemas da fome?»

Os homens foram para a África do Sul matar a fome de que se riam as nuvens. As mulheres foram para as cidades e para as vilas matar a mesma fome. Os homens que não quiseram ir para a África do Sul arrumaram as malas pobres e foram à cidade. E na cidade viram as mulheres da terra a venderem o corpo. Algumas prosperavam e faziam a inveja dos homens. Outras envelheciam a fazer o coito a vinte escudos.

A rapariga de mini-saia e botas altas, analfabeta mas de coito caro, prosperou. Esqueceu-se da enxada e do campo e ganhou a cerveja, a peruca loira e a cama que é a sua oficina. Sobretudo, MATOU A FOME.

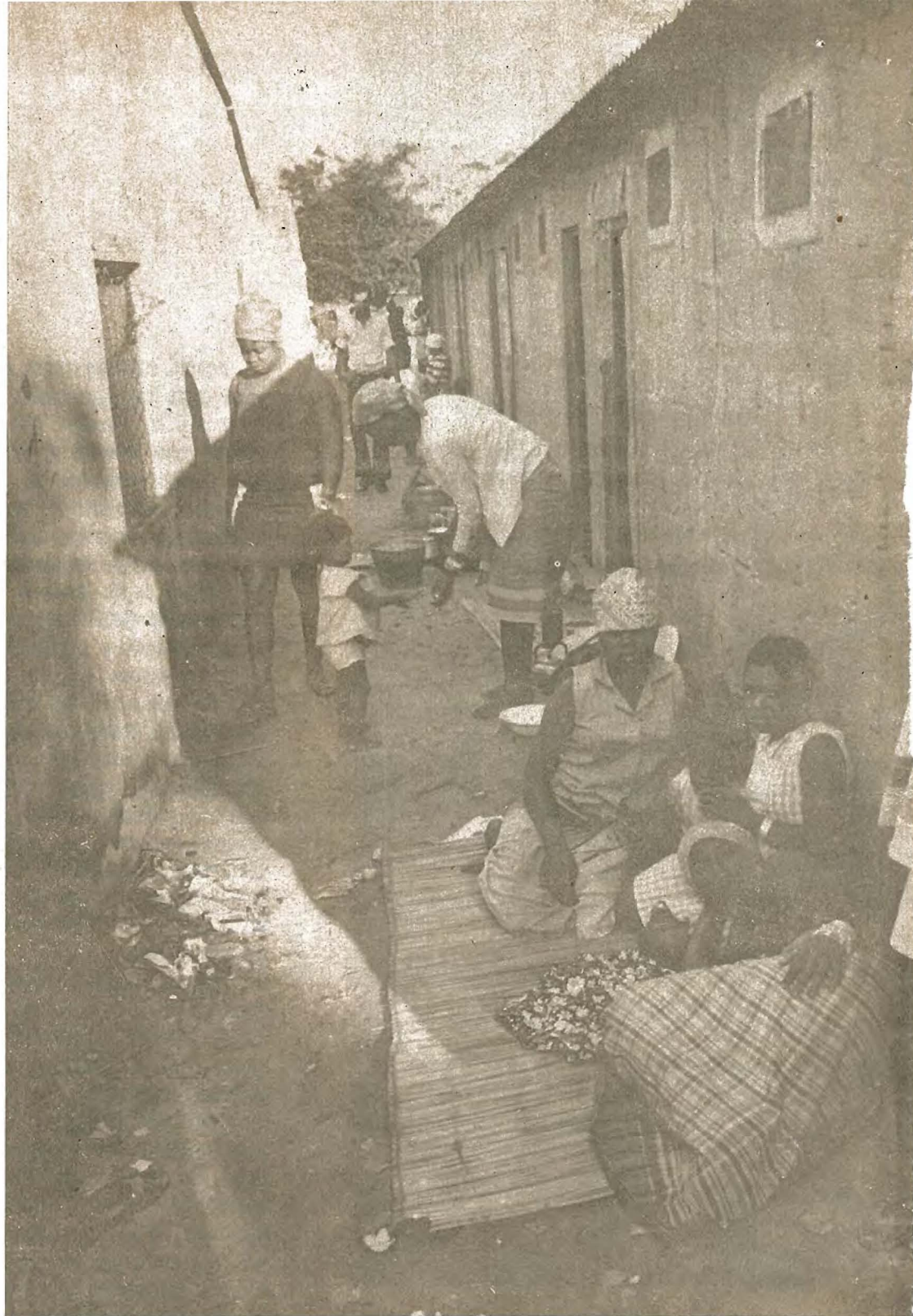
(1) PROSTITUIÇÃO — COMO E PORQUÊ

Eis que nos debruçamos diante de um problema que a África pré-colonial não conhecia. Não existia prostituição em África antes da vinda dos europeus. A Europa exportou o meretrício bem como a maior parte das doenças venéreas que acompanham o tráfico sistemático do sexo.

A Igreja de mãos dadas com o imperialismo ajudou o colonialismo a destruir o conceito de família e a economia tradicionais. Porém, quando as colónias começaram a apresentar um índice de prostituição assustador a mesma Igreja condenou e condena as meretrizes. «Pecadoras». Modo muito simples de resolver um problema que nada tem a ver com Deus mas com os homens e seus maquiavélicos processos de explorarem outros homens. A prostituição é filha legítima do capitalismo e uma das doenças crónicas do colonialismo. Não há país capitalista sem prostitutas. Não há colónia ou neocolónia sem prostitutas. Por detrás da rapariga de dezasseis anos vinda de Gaza para a casa da prima e cujo hímene é vendido a um sádico por quinhentos escudos existe um problema de fome que teve o seu início numa curta história chamada partilha da África a qual atingiu o seu ponto máximo em Berlim quando as potências capitalistas da Europa do século passado dividiram entre si o continente africano e dele começaram a tirar para benefício da mesma Europa todo o algodão, todo o açúcar, toda a copra, todo o arroz, todo o milho. Essa pequena história tem o nome de colonialismo. Colonialismo francês, colonialismo belga, colonialismo inglês, colonialismo português...

II

Em Moçambique a Guerra veio apenas generalizar a quase todo o nosso país um cancro que se limitava às cidades e vilas mais desenvolvidas. Os aldeamentos nada mais fizeram para a mulher moçambicana a não ser concentrá-la numa área limitada para o benefi-



cio do soldadinho cansado do mato depois de um mês sem ver corpo de mulher. E, como é sabido, uma cerveja familiar ou média era suficiente para se ganhar sexo nos aldeamentos. E como os anti-conceptivos são para quem os pode comprar, filhos que nunca conhecerão os pais pululam por todo o país.

III

Em Lourenço Marques, a capital da prostituição em Moçambique (logo seguida pela Beira) dois quartos das mulheres do caniço vivem da semi-prostituição ou seja além do vencimento magro têm proventos resultantes da venda do corpo e um quarto vive da prostituição como único meio de angariar meios de subsistência.

Fazendo umas contas redondas chega-se a conclusões chocantes. Parta-se do princípio de que no Caniço vivem seiscentas mil pessoas entre homens e mulheres. Admita-se também por hipótese que metade desse número, portanto trezentas mil, são mulheres. Destas trezentas mil mulheres cento e cinquenta mil (150 000) vivem da semi-prostituição e setenta e cinco mil (75 000) são prostitutas declaradas.

MAIS DE SETENTA E CINCO MIL MULHERES VENDEM O CORPO EM LOURENÇO MARQUES



A esquerda: mulheres do campo encontram, frequentemente, este ambiente na cidade. Longas fileiras de casas humildes todas elas funcionando como oficina de trabalho. Crianças nascem e crescem em todos os lupanares

A direita: Pormenor de um cabaré. Sofisticação do meretrício



por cento (20%) das mulheres negras de Lourenço Marques vivem do meretrício e trinta por cento (30%) vivem da semi-prostituição. Onde se chega à conclusão de que cinquenta por cento (50%) das mulheres de Lourenço Marques vivem debaixo de uma das mais descaradas formas de exploração. A outra metade é constituída em grande parte por mulheres que são exploradas indirectamente (por exemplo a dona de casa e a estudante) e pela mulher pequeno-burguesa trabalhadora que, frequentemente, para adquirir emprego ou para o conservar tem de se entregar à luxúria de um chefe.

IV

Estará muito enganado quem se convencer de que as meretrizes estão concentradas apenas na Av. de Angola, nas Lagoas e na Rua Araújo.

Essas zonas são apenas as mais conhecidas. Não há

bairro no caníço que não tenha um lupanar. É assim no Xipamanine, na Mafalala, no Chamanculo, no Chinhambane, no Vulcano, na Malhangalene e em todos os arredores de Lourenço Marques. Pela cidade fora existem lupanares nos prédios mais ou menos discretos, mais ou menos declarados.

Também estará enganado quem for à Rua Araújo e ficar a pensar que ali é o último baluarte. A Rua Araújo de especial só tem o facto de a prostituição receber um carinho oficial muito especial porque está integrado e faz parte de uma decrépita indústria turística. Aquela rua deve ser a mais conhecida no estrangeiro. É a «capital do multirracismo» como diziam os fascistas. Multirracismo baseado na compra e venda de sexo. Convivência baseada no álcool, no meretrício organizado.

Mas dizíamos que estará enganado quem pensar que ali é onde se encontra a se-

de da prostituição. Em todos os bares e cantinas dos subúrbios e ainda na maior parte dos restaurantes do Alto Maé o tráfico do sexo marca presença — bem regado com cerveja.

V

Os oportunistas nunca deixaram de explorar em seu benefício a venda do corpo das mulheres. Fazem parte deste oportunismo as casas especializadas no contrato de raparigas que são requisitadas quando necessárias. Faz-se tudo à base de fotografias que são apreciadas pelo cliente. Depois da escolha marca-se uma hora e a escolhida lá estará num quarto iluminado ou não.

Fazem parte deste oportunismo as casas onde há raparigas a toda a hora. Simplesmente quem recebe dinheiro não são elas mas a dona da casa. Elas funcionam como empregadas e têm vencimento certo ou percentagens nos lucros.

Fazem parte deste oportu-

Claro que nestes números somos muito optimistas porque não é verdade que haja seiscentas mil pessoas nos subúrbios visto que o número de habitantes ali é mais elevado. Também é verdade que Lourenço Marques tem mais mulheres do que homens.

Em percentagem, arredondando para mais os números das contas feitas com base naqueles pressupostos, podemos afirmar que vinte

RUA ARAÚJO: A



SOFISTICAÇÃO DO TRÁFICO SEXUAL



Ao lado: esta imagem cheia de beleza e carinho muitas vezes esconde o drama do homossexualismo em que caem as prostitutas

Na página à esquerda: crianças dos 15 aos 18 anos prostituem-se na Rua Araújo. Esta foto foi obtida em pleno dia



tunismo as casas que alugam quartos por hora que não contribuindo embora para a prostituição porquanto são frequentados por toda a espécie de gente (mesmo por aquela gente chamada honesta) integram-se no mesmo ciclo de exploração sexual.

Fazem parte deste oportunismo todos os cabarés visto entender-se entre nós que um cabaré é um grande lupanar luxuoso e sofisticado onde a prostituição está organizada até ao requinte. Com a excepção dos artistas medíocres que passam pelos cabarés de Lourenço Marques, as mulheres e mesmo os homens que ali trabalham são todos descaradamente explorados pelos proprietários. Conhecemos uma rapariga que passou pela Rua Araújo e fazia «Strip-Tease» a cem escudos por sessão.

Fazem parte desse oportunismo todos os bares que têm raparigas contratadas para todos os dias frequentarem o estabelecimento como isca para os homens que, por sua vez, vão consumir bebidas.

(2) COM QUE IDADE SE COMEÇA A PROSTITUIÇÃO?

Não há limite de idade na prostituição. O que conta é a carne da mulher quer seja adolescente quer seja cinquentona, bem ou razoavelmente conservada.

Crianças de quinze anos são frequentadoras assíduas dos bares e bailaricos de

fim-de-semana nos subúrbios. São crianças que andaram quanto muito, nos três primeiros anos da escola primária. São filhas de proletários e a sua mentalidade juvenil é muito sensível a todas as subculturazinhas exportadas pela Europa e pela América e que chegam a Moçambique com vários anos de atraso em relação à origem. É o que acontece com o falso hipismo, com as modas femininas sofisticadas, com os símbolos divulgados pela juventude burguesa ocidental na sua presente crise de valores. Enfim, essas adolescentes consomem, à mistura com subculturazinhas locais, toda a bilis amarga do mais reacçãoário estilo de vida fabricado nas grandes capitais.

(3) A PROSTITUTA E A POLÍTICA

Nas meretrizes negras da alta roda é frequente ouvir expressões como «já chegamos à Madeira?», «fulga que está na palhota?» «preto ordinário», etc. etc. Quer dizer: elas são o reflexo das mentalidades dos homens com quem andam e são caracterizadas pelo seu violento racismo em relação aos negros apesar de serem negras.

Nas meretrizes que não vivem exclusivamente da prostituição o racismo já é orientado em sentido contrário às primeiras. É um racismo anti-branco. Duas atitudes curiosas e bizarras cuja explicação até é bas-



A esquerda: depois da cerveja o amor comprado, algures na Majalala

A direita: pormenor de um lupanar da Av. de Angola. Imundície, desleixo e coito a vinte escudos

MULHERES DO CAMPO: RESERVA DOS LUPANARES

tante fácil. Só que em qualquer dos casos é uma atitude reacçãoária. A alienação é a característica mental das prostitutas. O exemplo concreto mais recente é o facto de terem sido encontrados em muitos lupanares dos subúrbios autênticos arsenais de granadas e espingardas a quando da revolta das bandeirinhas.

(4) A PROSTITUTA E A REVOLUÇÃO

Em qualquer situação revolucionária a prostituição é uma dor de cabeça. É que a mulher que vive do tráfico sexual adquire hábitos daquilo a que a burguesia chama «vida fácil». Vencida a última resistência psicológica à entrega do corpo a troco de dinheiro a prostituta acaba por se deixar levar por esse modo de vida que é mais lucrativo do que aquilo que se imagina. A imagem da meretriz velha e abandonada, sem possibilidades de angariar meios de subsistência é muito chocante, muito chorosa mas não corresponde à regra. A prostituição como profissão «proletária» é das mais bem pagas com a vantagem de não se exigir impostos às meretrizes.

Regra geral a mentalidade

de de uma prostituta é ultra-burguesa de um modo quase doentio. Arreigada a muitos vícios ela é uma barreira terrível para o avanço da revolução. É das classes que integrada no processo de produção tem muito a perder e o que tem a ganhar dificilmente compreende ou se compreende não deixa de lhe provocar apatia. É tipicamente burguesa.

(5) A PROSTITUIÇÃO E A MORALIDADE

Claro que apesar de tudo o que dissemos está longe de nós condenar as meretrizes no estilo em que o pode fazer um bom moralista cristão-burguês ou no estilo em que o fazem os indivíduos tradicionalistas negros.

A prostituição é condenada também pelo facto de inverter a poligamia. Generalizou-se que a poligamia é um privilégio dos homens. Daí que tanto os indivíduos do sexo masculino como os indivíduos do sexo feminino arreigados de tradição se sintam chocados com uma mulher que tem vários comparsas.

O capitalismo por sua vez, que ganha justificação na moral burguesa, assume

duas atitudes perante a prostituição. Tolerância sem deixar de a condenar. De um lado compreende que é um cancro mas do outro lado tem a consciência da sua impotência para acabar com ela. Não é com sermões na igreja nem com moralidade caseira que se acaba com o meretrício. Ele só acaba com a integração da mulher no processo de produção. Daí que a prostituição antes de ser um problema social é um problema económico e político. Daí que o papel da igreja, por exemplo, não será o de eliminar a prostituição em si mas o de trazer paz espiritual (se trouxer) às meretrizes.

Por tudo o que dissemos e porque este tema nunca mais teria fim, a prostituição terá de ser eliminada da vida moçambicana para a dignificação da mulher e do próprio homem. O amor tem de voltar a assentar no seu devido lugar que é o de dádiva e não compra. Sobre tudo, Moçambique é um país subdesenvolvido e a sua elevação precisa do concurso de todos, homens e mulheres sem excepção.

Claro que será bastante difícil conseguir com que as prostitutas uma vez integradas no processo de pro-

dução não continuem a praticar uma semi-prostituição. A moral revolucionária não se acata de um dia para o outro. Só que é para o bem não só das prostitutas mas também dos seus filhos que o meretrício tem de ser eliminado tal como todas as consequências da exploração colonialista.

NOTA FINAL

Este trabalho foi essencialmente orientado para o problema da prostituição da mulher negra. Este unilateralismo não obsta a que quase tudo o que dissemos também se aplique à mulher branca. Só que nesta a agudeza de que se reveste o problema não é tão grave tanto mais porque o número de prostitutas brancas é muito reduzido. Estas meretrizes são também analfabetas ou semi-analfabetas e também vieram do campo para fugir da fome. Vieram de Portugal, da Madeira, dos Açores ou mesmo do vizinho Limpopo.

